

10-2009

O segundo centenário da Congregação 1703-1903

Alexandre Le Roy

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Le Roy, A. (2009-2010). O segundo centenário da Congregação 1703-1903. *Missão Espiritana*, 16-17 (16-17). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol16/iss16/31>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in *Missão Espiritana* by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

23. O segundo centenário da Congregação 1703-1903

Em 1903, quando anunciava a celebração do segundo centenário da Congregação, o Superior Geral de então, Mons. Alexandre Le Roy, escreveu uma circular que foi publicada no Boletim Geral da Congregação, nº 195, Maio de 1903 e que aqui reproduzimos.

A 20 de Maio de 1703, na festa do Pentecostes, um jovem e brilhante estudante de 24 anos, Cláudio Poullart des Places, que só viria a ser ordenado sacerdote em 1707 e que a morte devia levar dois anos depois, reunia em Paris, perto da Sorbone, doze “estudantes pobres” que ele se propunha educar e formar para o sacerdócio, para os ministérios mais humildes, mais difíceis e menos desejados.

A obra foi consagrada ao Espírito Santo e colocada sob a tutela de Maria Imaculada.

Foi daí que nós partimos.

Bem depressa Poullart des Places sentiu a necessidade de se rodear de colaboradores e aquando da sua morte, prematura e santa, seria um deles, Jacques – Hiacynte Garnier que lhe sucederia. Seis meses depois, também este por sua vez, falecia; mas foi imediatamente substituído por um diácono de Saint-Malo, que só há quatro meses era conhecido, Louis Bouic. Louis Bouic e François Becquet, um depois do outro, conduziram a obra desde 1710 a 1788.

Durante este longo intervalo, o Seminário estabeleceu-se na rua des Postes, onde ainda hoje se encontra. Construíram-se os actuais edifícios e a capela, a Sociedade organizou-se, foram redigidas as Regras, que Mons. De Vintimille, arcebispo de Paris, sancionou com a

* Alexandre Le Roy, foi superior geral da Congregação do Espírito Santo de 1896-1926.

sua autoridade (1731) e alguns anos mais tarde (1824) a Santa Sé julgá-las-á “*prudentes, sábias e muito aptas para formar missionários*”; os estatutos foram aprovados pelo poder civil e os “estudantes pobres” que em 1703 não passavam de doze, pouco a pouco tinham chegado a 80.

Quanto aos directores, eles que sozinhos constituíam a Sociedade ou Congregação do Espírito Santo, nunca foram numerosos nem o queriam ser: apenas 62 tinham sido recebidos na Sociedade até à Revolução (1792). Mas a sua acção sacerdotal e apostólica foi admirável. Nem um deles nem tão pouco um dos seus alunos caiu no Jansenismo, então muito poderoso e espalhado e também nenhum deles se envolveu nas perturbações de toda a espécie que a Revolução Francesa provocou.

Desde o princípio, foram os alunos do Espírito Santo que forneceram a Luís Maria Grignon de Monfort os primeiros membros da sua Congregação dos “Missionários da Companhia de Maria”, a qual cedo deu origem aos “Irmãos do Espírito Santo”, mais tarde chamados de S. Gabriel (do nome Gabriel Deshayes que os reformou em 1820) e às *Irmãs da Sabedoria* (1703) que contam hoje cinco mil membros.

Um outro discípulo e amigo de Poullart des Places, M. Lenduger, missionário célebre, fundava em 1706 no Légué, perto de St-Brieuc a Congregação das “*Filhas do Espírito Santo*”.

Vários dos alunos do Espírito Santo entraram nas Missões Estrangeiras, entre os quais Mons. Blaundin, Vigário Apostólico de Tonkin, e Mons. Pothier que pode ser considerado o fundador da grande Missão do Su-Tchuen, na China.

Outros passaram para a Arcádia e para o Canadá: Mons. Bosquet, bispo do Quebec de 1733 a 1739 foi um dos principais benfeitores do Seminário.

Enfim, foi à Congregação do Espírito Santo que o Governo Francês se dirigiu para a evangelização das colónias de S. Pedro e Miquelon, da Guiana, do Senegal, etc.

Mas não tardaria a rebentar a Revolução Francesa, acumulando ruínas, de tal maneira que o primeiro centenário da fundação (1803) se concluiu com a morte do Venerável Jean Marie Duflos, quinto Superior Geral, que se extinguia com a idade de 78 anos, depois de ter assistido à dispersão dos seus confrades e dos seus filhos.

Tinha-se a impressão que no túmulo deste santo velho também a própria congregação era sepultada; mas o Espírito de Deus que a tinha feito nascer também a iria fazer reviver.

Entre os raros sobreviventes da Sociedade encontrava-se Jacques –Madeleine Bertout, sobrinho do P. Duflos, homem de natureza vigorosa e fé profunda, uma energia incansável e uma delicadeza maravilhosa, que pelas suas iniciativas, as suas relações, as suas instâncias, conseguiu só e sem recursos, restabelecer a Congregação do Espírito Santo e fazê-la recuperar os imóveis da rua des Postes e fazê-la aprovar em 1805 por Napoleão, em 1806 por Luís XVIII, em 1824 pela Santa Sé e abri-la a ela e aos seus alunos para as Missões coloniais.

Mas, o seu sobrinho e sucessor, o P. Fourdinier e mais tarde o P. Leguay e o P. Monet, cedo se viram a braços com uma imensa e dolorosa provação: a impossibilidade de fazer face, com o seu pessoal, à evangelização das populações que lhes tinham sido confiadas, especialmente as da raça negra, cuja libertação da escravatura era então o grande problema e que a Revolução de 1848 iria decretar de uma só penada.

Ora há já seis anos, que missionários conhecidos por “Padres do Coração de Maria” se estavam lançando no apostolado com um fervor, um zelo e uma eficácia admiráveis. Na Maurícia, na Reunião, no Haiti, eles faziam maravilhas. Providencialmente chamados para a costa ocidental da África, estes novos apóstolos tinham herdado de Mons. Barron, que as recentes Igrejas dos Estados Unidos da América tinham enviado para a África pagã, o imenso Vicariato das Duas Guiné; e já os túmulos dos seus mártires marcavam o lugar onde surgiriam cristandades futuras, no Senegal, no Cabo das Palmas, no Grande Bassan, no Gabão...o seu fundador era um santo: chamava-se P. Libermann.

No espírito de uns e outros, a ideia de uma “fusão” nasceu por ela mesma: efectivamente ela foi selada a 10 de Junho de 1848, na véspera do Pentecostes; mas só a 26 de Setembro seguinte é que a Propaganda a tornou efectiva. Segundo um decreto datado deste dia, a Sociedade do Coração de Maria deixava de existir e os seus membros deviam incorporar-se na Congregação do Espírito Santo.

A 3 de Outubro o P. Monet, superior geral, era nomeado Vigário Apostólico de Madagáscar; viria a morrer alguns meses depois. A 22 de Novembro pedia a sua demissão de superior geral e, no dia seguinte, 23 a unanimidade dos antigos e novos membros da Congregação renovada escolhia, para o substituir, aquele que a nossa afeição, reconhecida e piedosa, costuma chamar “Nosso Venerável Padre”. A Providência o tinha destinado, na hora querida, para dar à obra de Poullart des Places a sua forma definitiva e o fervor apostólico que a viria a distinguir.

Com Libermann e seus sucessores, vemos com efeito, a Congregação do Espírito Santo a reorganizar-se: e ao mesmo tempo que estreita os laços que a uniam numa disciplina mais precisa, dá ao clero colonial propriamente dito a direcção regular para se poder consagrar ela mesma ao seu apostolado específico: estende-se à Irlanda, a Portugal, à Alemanha, à Bélgica, à medida que é guiada pelo Espírito de Deus que a anima, para a partir daí, lançar os seus ilhós nas terras dos infieis que a Europa tinha conquistado e ás quais ela deve a civilização com a verdade cristã.

Uma crise de perseguição religiosa expulsa-a da Alemanha em 1874 e isso foi ocasião providencial para ela se fixar na terra hospitaleira e fecunda dos Estados Unidos da América.

Precisamente nos tempos que correm, uma tempestade semelhante se abate sobre a França. Esta borrasca que já dispersou muitas

famílias religiosas; não nos atingirá também a nós como já atinge a muitos, depois de provações que podem ser duras, o ponto de partida para reformas úteis e uma acção mais alargada? Em todo o caso, a nossa própria história – a história destes 200 anos – deve ensinar-nos a nunca desesperar, pois única razão que temos para viver é viver para Deus e Deus nunca abandona aqueles que são dignos de os servir.

Em todo o caso, as circunstâncias actuais não nos permitem celebrar o segundo centenário da nossa fundação com a alegria e a solenidade que desejaríamos. Mas nem por isso a nossa acção de graças deve ser silenciada e as nossas orações menos fervorosas.

Por isso, faremos o nosso possível, para em toda a Congregação observar as disposições seguintes:

1. A novena preparatória para a festa do Pentecostes, prescrita por S.S. Leão XIII será celebrada este ano nas nossas casas com uma solenidade particular – Todas as tardes, na bênção do Santíssimo Sacramento se cantará o hino “*Veni, Sancte Spiritus*”.

2. Na bênção da festa do Pentecostes, se cantará o *Te Deum* com a oração correspondente. Acrescentar-se-á o *Sub tuum* em honra da Santíssima Virgem.

3. Nas casas de formação, paróquias e diferentes obras que nos estão confiadas, far-se-á tanto quanto seja possível e oportuno, uma conferência ou uma exposição sobre a Congregação do Espírito Santo e o seu desenvolvimento.

4. As comunidades mais afastadas que receberem a presente comunicação já depois da festa do Pentecostes cantarão pelo menos o *Te Deum* em acção de graças com o *Sub tuum praesidium* na festa do Imaculado Coração de Maria.

5. Como recordação deste centenário, os retratos do Servo de Deus, Cláudio Poullart des Places e o do Venerável Padre Libermann serão distribuídos aos membros da Congregação.

A *Vida* do nosso primeiro fundador, (referia-se à biografia de Poullart des Places do P. Le Floch) já começada, será publicada logo que possível. Enfim, uma notícia histórica da Congregação do Espírito Santo aparecerá, assim o esperamos, durante o ano corrente.

Paris, 15 de Abril de 1903

Alexandre Le Roy, Bispo de Olinda, Superior Geral